

Manuel da Maia

um engenheiro do séc. XVIII

Por: Rita Canavarro



Manuel da Maia nasceu em Lisboa no ano de 1677. Filho de pai lueiro, à geração de origem plebeia não condicionou a sua carreira. Em data incerta ingressa na Aula de Fortificação, instituição joanina de cúpula que, dada a proximidade com o poder real, definiu o seu percurso ascendente. Em 1698 inicia carreira, percorrendo as mais diversas patentes militares com prática de engenheiro. Os primeiros vinte anos são porventura os mais dinâmicos: fazendo levantamentos, assinando esboços de várias praças (Abrantes, Almada, Estremoz), depressa se torna responsável directo pelo desenho de aquartelamentos. A encomenda régia da planta de Lisboa ocidental e oriental, que o manteve ocupado por cinco anos, venceu o que a origem humilde teimava em recusar, trazendo-lhe a mercê do hábito de Cristo e, anos mais tarde, a entrada na Casa Real. Homem culto, versado em diversas línguas, traduziu difundidos tratados de engenharia: foi instrutor dos príncipes infantes; membro da Academia Real da História, e, no final da vida, guarda-mor da Torre do Tombo, onde a rápida acção permitiu salvar o espólio documental do abalo de 1755.

A progressão na carreira é coroada com a nomeação, em 1754, para o cargo de engenheiro-mor. Esta circunstância, mas também o espírito empreendedor e a sua voluntária intervenção em questões urbanísticas ou ligadas aos equipamentos públicos, explicam a preponderância do engenheiro na sequência do terramoto do ano seguinte, provavelmente a acção mais notável do seu percurso.

A definição do trajecto do aqueduto que transportaria água a Lisboa e um estudo sobre a freguesia de S. Isabel, ajudam a perceber de que forma Manuel da Maia aliava a experiência de arquitecto castrense a um profundo conhecimento do sítio e dos condicionamentos que a capital apresentava para a reconstrução.

As três *Dissertações* que enviou ao rei imediatamente após o sismo - num espaço de três meses - discutiam 5 propostas para o que considerava ser o melhor modelo de reurbanização. Reerguer a baixa da cidade segundo um plano moderno afigurava-se modesto quando comparado com a ideia visionária de levantar toda uma nova Lisboa na zona ocidental da cidade (para onde ela aliás se estenderia naturalmente).

A opção do poder central pela Baixa (judiciosamente designada de pombalina) revelava-se um desafio simultaneamente técnico e urbanístico, que Maia entregou a uma equipa de jovens engenheiros.

Tecnicamente tratava-se de criar condições de segurança nos novos imóveis: questões como a consolidação do solo (numa área permeável às águas do Tejo); o escoamento dos detritos, de modo a não criar infiltrações prejudiciais; a contenção na altura dos edifícios (unicamente de dois andares), e o alargamento das ruas; ou engendrar um novo sistema construtivo resistente a abalos sísmicos e incêndios. Do ponto de vista urbanístico, pretendia-se desenhar uma malha regular, inteiramente nova, isto é, implementar racionalidade em espaços urbanos que anteriormente cresciam de forma livre e desordenada.

A cidade eleva-se assim sobre uma plataforma de entulho, assente em estacaria de pinho que a defende das águas fluviais e a rede de esgotos prevê a criação de cloacas para o escoamento subterrâneo. No que toca aos edifícios, o prolongamento das paredes laterais à altura dos telhados, proposta do engenheiro Maia como medida de combate aos incêndios, foi seguida: mas a polémica das indemnizações aos antigos proprietários obrigou a condescender na construção de três e quatro andares. Criada como resposta concreta a este problema - numa Lisboa ainda não refeita do susto, e continuamente abalada -, a armação em madeira, vulgarmente designada por "gaiola", resiste há mais de duzentos anos.

Mercê da aliança entre práticas tradicionais, vernáculas, enraizadas na escola portuguesa de engenheiros-arquitectos militares, e o emprego da moderna tecnologia que a circunstância impunha, nasceu um núcleo patrimonial de que o engenheiro Manuel da Maia foi mentor. Apesar disto, *basta caminhar pelas ruas principais e notáveis desta nossa sacrificada Baixa e ir olhando, um a um, os apodrecidos imóveis pombalinos, os quais eram há séculos atrás orgulho de reconstrução, exemplo percursor de tecnologia, brilho do centro da capital*². Vale a pena pensarmos nesta advertência lançada há pouco por um semanário lisboeta...

¹ Investigadora, Licenciada em História/variante de História da Arte, Universidade Nova de Lisboa.

² José Manuel Fernandes, (2000) "Baixa Pombalina" in Revista, supl. do jornal Expresso n.º 1451, p.82.